



LEANDRO GOMES DE BARROS

O Casamento
hoje em dias

O AZAR NA CASA DO FUNILEIRO

A' venda na casa do autor e editor
em Afogados á rua do Motocolombó n. 28
Arrabalde do Recife.



O Casamento hoje em dias



Quem casa n'um tempo d'este
Perdeu de tudo a razão
Uma mulher em 6 mezes,
Val dez annos de prisão
Agora as de onze e dôze
Com treze annos e quatorze?
Que faz esse desgraçado?
Olha para o céu exclama
Meu Deus! nasci n'uma cama
Para morrer n'um roçado.

Eu pesnei que o casamento
Fosse uma parte do gózo
Mas, o que, elle faz parte
E' de um xarope amargoso.
Arde mais do que pimenta
E' como o sol quando esquenta
O homem perde a façanha,
Faça elle o que quiser
Porque a mão da mulher
Em vez de allisar arranha.

A mulher é um volume
Que tem um pêso infinito
Com carne de dois mil reis
Feijão a crusado o litro
Farinha a mil e trezentos
Toucinho dois mil e duzentos
E esse só tem o couro
Ainda diz a mulher
Comp're pelo que estiver
Não faça cara de choro.

Cinco litros de farinha
Do Recife ou Afogados
Se a pessoa for medir,
Talvez não dê dez punhados,
Quiabo um, um vintem
E todo o dia não tem,
Lenha dois vintens a lasca
Bananna hoje é um brinco
Só dar um tustão por cinco
Só se encontra n'ella a casca

Assucar sete tustões
E por kilo enferrujado
Alguns pingam mel de furo
Quando vem pouco molhado
Molleque atraz do balcão

Cada qual que meta a mão
Tira em grande quantidade,
Chegam formarem até bulha
Depois que o cacheiro embrulha,
Ja falta mais da metade.

O solteiro não se assusta
Isso faz medo ao casado,
Que tem por obrigação
Ir a fêira ou ao mercado,
Que pega a sexta ou o sacco
E olha para o buraco
Onde elle precipitou-se
Volta, acha a mulher zangada,
Pergunta-lhe a filharada
Papae, me trouxe pão dôce?

Se o camaradilha disser
Meu filho, um X não voltou
A mulher pergunta logo
O que fez do que levou?
Tudo não está caro assim
Não sobrou foi para mim,
Que o que como é subeijo
Eu não sei mais o que faça
Agora por mais desgraça,
Estou de antojos tenho desejo.

Estou desejando comer
Queijo fino e goibada,
Tomar cidra e vinho do Porto
Passa, figo e marmelada,
Ah! quem me dera um presunto
Havia de comer muito
Acabaria o fastio
Isso é para uma nobre
Casei com um homem pobre
Além de pobre, vadio

Veja um leitor se uma d'essas
Deseja coisa ruim
Pedra, pao, bagaço e lama
Uma casa de cupim?
Só deseja coisas caras
Embora que sejam raras,
Isso não offende a ella
O burro velho demente
Espera alli paciente
Para botarem-lhe a sella.

Para os tempos de abundancia
Casamento é um pagode
Porque com mil e quinhentos
Compra-se a banda de um bode
Farinha a cuia um crusado

Capão bonito e sevado
Com trez mil reis compram dois
Manteiga compra uma lata
Compra um tustão de batata
E cinco tustões de arroz.

Hoje que um quarto de bode,
Menor que aza de um grilo
Tem custado em qualquer feira
Mil e duzentos o kilo
Ver-se a farinha de roça
Preta, crua, azeda e groça,
Com iuhaca de cupim,
E como um rapaz solteiro
Sem emprego e sem dinheiro
Se atreve a casar assim?

Inda que o camaradinha
Não tenha mãe nem irmã
Quando está casando pença
O que se come amanhã?
Meu sogro não tem dinheiro
Queira Deus o marinheiro,
Queira me vender fiado,
Se a sogra me visitar
Não encontra o que jantar
Faz um bafafar damnado!

Porém esses que se casam
Depois que pegou a guerra,
Só para empregado publico
Ou gente que come terra,
Não acha em em que trabalhar
Não tendo onde se empregar
Ninguém lhe vende fiado
A mulher diz eu estou nua,
Não posso sair na rua
Meu vestido está rasgado.

Eu perguntei a um theologo
Homem muito scientifico
Se podia se encontrar
Mulher de genio pacifico
Elle me disse se encontra,
E' difilculdade mostra
Mas que o prestigio na droga
E' mesmo uma raridade
Com especialidade,
N'uma freira ou n'uma sogra

Acrescentou o theologo
Entre espinhos nascem rosas
De dez mil mulheres feia
Tira-se cinco formosas
Como isso assim é tudo

Sai de um casal carrancudo
Um filho alegre e risão
Eu ainda não pode ver,
Foi uma sogra dizer
Que um genro tenha razão.

Mas mestre, perguntei eu.
Terá mulher paciente?
Disse elle qualquer uma,
Estando na calma é prudente,
Porém quando está irada
A lingua fica afiada
Deita espuma pela boca
Desconhece a divindade
Comete temeridade,
Como que estivesse louca.

Um sabio disse uma vez
Sou defensor da mulher,
Vejo no céu de seus olhos
O que não vejo em qualquer
E sem ella nada havia,
Nem no espaço se via
Os horizontes azues
O mundo não tinha cores
Seria um campo sem flores
Ou uma igreja sem luz

Eu classifico a mulher
Como a flor da existencia
Um altar de divindade
O simbolo da innocencia
Pois vejo que esse objecto
Foi o grande predilecto
Do autor da criação
Deus se esmerou tanto n'ella
Que a fez a obra mais bella
Entre toda a geração

Como a luz planta nas trevas
O louro clarão garboso
A mulher planta o praser,
N'um coração pressuroso
Como a rosa no sereno
Ella com carinho ameno
Faz abrir um coração,
D'ella se extrai o praser
Tudo tem que lhe render
O culto de adoração.

Embora que muitas d'ellas
Tornem-se um céu de torpesa
Um armazem de ciume
Fabricação de despesa
Ha n'ellas excepção

Algumas tem propenção
Não comer e ajuntar
Um dia até succedeu
De uma o marido morreu
E ella quiz o guardar.

O AZAR na CASA do FUNILEIRO

Vou contar uma historia
Que um amigo me contou
De um pé frio ou aza-negra
Que em casa d'elle chegou
O leitor preste attenção,
O que foi que resultou.

Assim como as pedras correm
Atraz dos apedrejados
Corre tambem a caipora
Atraz dos encaiporados
Os nús só querem amisade
Dos que estão esmulambados

Me disse esse Saturnino
Que sempre ouvia fallar
Em alma do outro mundo,
Feitiçaria e azar

Mas ainda não tinha visto
Não podia acreditar,

O leitor sabe que feira
Tem um inigma que atrai
Porque no lugar que ha feira,
Todo mundo em geral vai
D'ella e festa de natal
Até o diabo sai.

O Saturnino vendia
Obras de flandre na feira
Quando pela torda d'elle
Passou uma ave agoreira
Veio um grande ridimunho,
Cobriu tudo com poeira.

Saturnino olhou a um lado
Viu um sugeito chegar
Era uma armação tão feia
Que o fez repugnar,
Elle perguntou a si
Será aquelle o azar?

Era um individuo alto
Com uma enorme corcunda
Os olhos tinham cabellos
A boca sem dente e funda

Quatro buracos de venta
Era uma figura immunda.

Saturnino ahi lembrou-se
Do que ja ouviu dizer
Então murmurou consigo
Eu agora posso crer
Que aquillo que o mundo diz
Foi ou é ou ha de sêr

Olhando bem para elle
Via todos os seus signaes
Não tinha traços alguns
Dos entes racionaes,
Se é exato a escritura
Era o puro satanaz.

O nãriz comprido e torto
A especie de uma rosca
De fora via-se bem
Dois dentes no céu da bocca
Nos pés dos dente um bolce
Com lacráo, aranha e mosca

Chegando-se a Saturnino
Lhe disse meu camarada
Eu não tenho conhecido
E ando aqui de arribada

Venho a vossa senhoria
Lhe pedir uma pousada,

Elle é muito hospitaleiro
Teve pena de negar
Depois de pensar um pouco
Inda pensou em não dar
Depois se compadeceu,
Disse pode se arranchar

Ahi se sumiu da torda
Um bule e uma bacia
Um freguez estava comprando
E disse que não queria
Apresentou-se ferrugem
No flandre todo que havia.

Saturnino enquisilou-se
E sahiu na mesma hora
Comprou um kilo de carne,
Arrumou-se e foi embora
Chegou em casa achou elle
Deitado do lado de fora.

Saturnino notou logo
As formigas se mudando,
Os cachorros dos visinhos
Arripiados rosnando

As galinhas espantadas
E os morcegos voando.

Ora Saturnino tinha
Um amigo e companheiro
Esse veio a Saturnino
Ensultal-o no terreiro
E era homem pacifico
Que nunca foi desordeiro.

O pobre do funileiro
Exclamou, estou derrotado,
De onde teria vindo
Semelhante desgraçado
Sò se o portão do inferno
Está hoje desmantelado.

Se aquelle fôr do inferno
Estava em algum basculho
O diabo precisava
De tirar algum entulho
E com essa escavação
Descobriram tal embrulho

O funileiro mandou-o
Se arranchar n'uma latada
Um pombo dormia lá
Ficou de aza arriada

Tinha uma herba barbosa,
Essa amanheceu torrada,

O funileiro tremia
Que só quem está com maleita
Quando viu o aza-negra
Estirar a mão direita
Puchar de dentro de um sacco
Um livro de nova-ceita

O funileiro exclamou
Eu bem que estava scismado
E disse logo que vi
O inferno está furado
Só do reino de Plutão
Sahia esse desgraçado:

Tinha alli um furmigueiro
A mais de um seculo morando
Então achou as formigas
Assanhadas se mudando
Como quem tinham receio
Por lonje d'elle passando

Ahi pendurou a carne
Meteu a chave na porta
A chave do seu bahù
Envergou e ficou torta

Na barrica da farinha
Achou uma gata morta

Voltou e foi ver a carne
Que tinha deixado fora,
De lonje vio um um cachorro
Que ia com ella embora
E ainda não fazia,
Um quarto de meia hora.

Foi n'uma venda comprou
Carne, farinha e café
Quando a agua já fervia
Cahiu de cima um mondé
Virou a chaleira d'agua
Queimou-lhe as mãos e um pé

Tinha uma cabra com canga
Logo ahi precipitou-se
Na rede que estava armada
Pulou dentro ella furou-se
Tinha uma jarra com agua,
Cahiu o fogo apagou-se.

Assim que elle se deitou
Teve uma prova real
Ficou convicto que aquelle,
Era um conductor no mal,

Cantou na telha a coruja
E a peitica no quintal

Então guardou a farinha
Que a tarde tinha comprado
O rato furou o saco
Que nunca tinha furado,
De noite foi beber agua
Achou o coco quebrado

Derramou-se o sal da lata
No lugar que teve o fogo
Ficou como uma pessoa
Que perde tudo no jogo
O galo pai do terreiro
Morreu de noite com gôgo.

O dono da casa disse
Posso agora acreditar
Em aima do outro mundo
Feitiçaria e azar
Aquelle veio aqui hontem
Para me justificar.



6082

—Typ. da POPULAR EDITORA—
Rua da Republica 65—Parahyba

(LGB)